

Esperanças de vida sem incapacidade física de longa duração

Portugal Continental, 1995/1996

ÍNDICE

1 - INTRODUÇÃO	4
2 - FONTES ESTATÍSTICAS E METODOLOGIA	5
3 - ANÁLISE DOS RESULTADOS	8
4 - CONCLUSÕES	13

ANEXOS

Anexo 1:

Esperanças de vida sem incapacidade segundo o tipo de incapacidade, o sexo e grupo de idades.

Anexo 2:

Instrumento de notação utilizado no Inquérito Nacional de Saúde de 1995/1996.

EQUIPA TÉCNICA

Maria de Jesus Graça *

Maria José Carrilho **

Maria dos Anjos Campos **

Carlos Matias Dias *

* Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge - Observatório Nacional de Saúde

** Instituto Nacional de Estatística - Gabinete de Estudos e Conjuntura

1 - Introdução

Nas últimas décadas tem-se assistido a um aumento significativo na esperança de vida da população portuguesa. Este prolongamento da duração da vida só constitui um progresso real da sociedade se o aumento do número de anos vividos não se acompanhar de uma degradação da qualidade de vida das pessoas. Torna-se pois fundamental avaliar através de indicadores a qualidade associada a esses anos de vida “suplementares”. Aliás, a Organização Mundial de Saúde (OMS) sintetiza esta preocupação numa frase já famosa: “dar mais vida aos anos e não apenas mais anos à vida” (WHO, 1985).

Tentando responder à necessidade de construir indicadores que reflectissem esta preocupação, surgiram na década de 60, nos Estados Unidos, os indicadores de “esperança de saúde” (Sanders, 1964). O desenvolvimento desta ideia levou a que, hoje em dia, se considere não um mas uma família de indicadores de esperanças de saúde. Surgem assim as “esperança de vida em boa saúde” (baseada na auto-percepção do estado de saúde), “esperança de vida sem doença”, “esperança de vida sem deficiência”, “esperança de vida sem incapacidade”, entre outras, de acordo com o aspecto da morbilidade considerado (Boshuitzen, 1994).

Os indicadores de “esperanças de saúde” pretendem, assim responder à questão de saber se o aumento da esperança de vida é acompanhado, ou não, de um aumento do tempo vivido em boa saúde. Trata-se de, numa perspectiva de Saúde Pública, tornar extensível o conceito de esperança de vida à morbilidade e à incapacidade, avaliando, conjuntamente, dois fenómenos complementares: por um lado, a mortalidade, medida

globalmente pela esperança de vida e, por outro, a morbilidade, cujas taxas de prevalência estão também, como se sabe, associadas ao envelhecimento.

Em particular, a esperança de vida sem incapacidade traduz o número de anos que se espera sejam vividos sem incapacidade e foi considerada pela OMS como um dos indicadores (indicador 4.5) para a avaliação das estratégias da “Saúde para todos no ano 2000” (WHO, 1985).

O primeiro método de cálculo de um indicador sintético tendo em conta simultaneamente a mortalidade e a morbilidade foi proposto em 1971, nos Estados Unidos da América do Norte (Sullivan, 1971). Este método, conhecido por “método de Sullivan”, continua a ser, ainda hoje, o mais utilizado. As suas vantagens advêm, principalmente, da facilidade de cálculo, de se poderem utilizar dados de morbilidade e de mortalidade recolhidos por instrumentos diferentes e, finalmente, de os dados de morbilidade utilizados poderem ser obtidos por entrevista e através de inquéritos de saúde transversais.

De referir que, embora estejam descritos outros métodos mais avançados para o cálculo de esperanças de saúde, estes exigem uma informação de base mais sofisticada, nomeadamente dados sobre morbilidade derivados de estudos longitudinais, conseqüentemente mais difíceis de obter (WHO, 1996).

Em Portugal, embora a informação sobre a mortalidade esteja disponível desde há vários anos, quer através de dados estatísticos primários, quer através das tábuas de mortalidade calculadas pelo Instituto Nacional de Estatística, só com o Inquérito Nacional de Saúde (INS) realizado em 1995/1996 pelo Ministério da Saúde, foi possível

obter os dados de base, em particular as prevalências de incapacidade física de longa duração que são descritas na secção seguinte deste texto, necessárias ao cálculo das esperanças de vida sem incapacidade, objecto deste trabalho (INE, 1999; DEPS, 1997).

O presente estudo constitui uma primeira abordagem deste tema em Portugal. Pretende-se dar continuidade aos trabalhos agora iniciados desenvolvendo, nomeadamente, as vertentes geográfica e temporal da análise.

2 - Fontes estatísticas e metodologia

Fontes de dados

Para o cálculo das esperanças de vida sem incapacidade através do método de Sullivan utilizaram-se dados sobre a mortalidade da população em geral, dados sobre a incapacidade física de longa duração da população não institucionalizada e, ainda, dados sobre a população que vive em alguns tipos de instituições, de acordo com os resultados do Recenseamento Geral da População de 1991.

Os dados sobre a mortalidade tiveram origem nas Estatísticas Demográficas do Instituto Nacional de Estatística (INE) e serviram para a construção das tábuas de mortalidade abreviadas, cuja análise se limita a grupos de idade quinquenais e a Portugal Continental, durante o período 1995/1996 (INE, 1997; INE, 1998). Os dados sobre a incapacidade física de longa duração da população que não reside em instituições foram obtidos através do INS realizado em 1995/1996 pelo Departamento de Estudos e Planeamento da Saúde do Ministério da

Saúde (DEPS, 1997). Os dados sobre a população que vive em alguns tipos de instituições foram extraídos do Recenseamento Geral da População de 1991 (INE, 1992).

É de salientar que o INS tem como objectivo a caracterização de vários aspectos da saúde da população portuguesa e seus determinantes. Trata-se de um inquérito feito por entrevista no domicílio aos membros das famílias de uma amostra aleatória de unidades de alojamento representativas da população de Portugal Continental que não vive em instituições. No INS de 1995/1996 foram realizadas entrevistas a 17420 famílias, a que corresponderam 49 718 indivíduos.

O instrumento de notação utilizado para a recolha dos dados sobre incapacidade física de longa duração e que se apresenta em anexo (anexo 1), é o recomendado pela OMS (WHO, 1996). Do questionário fazem parte três perguntas sobre a mobilidade (*handicap*) e treze perguntas sobre incapacidade física de longa duração. Por incapacidade física de longa duração entende-se aquela que, no momento da entrevista, já dura ou que se prevê possa vir a durar muito tempo (seis meses no mínimo), isto é, aquela que não tem carácter transitório (DEPS, 1995).

Este conjunto de perguntas foi aplicado aos entrevistados com idade igual ou superior a dez anos e teve como objectivo recolher informação que permitisse estimar a sua prevalência na população e, também, analisar o grau de dependência dos indivíduos relativamente a terceiros para a satisfação de algumas das suas necessidades básicas.

Com base nas dezasseis perguntas acima referidas obtiveram-se as prevalências de incapacidade na população não institucionalizada,

necessárias ao cálculo das esperanças de vida sem incapacidade pelo método de Sullivan.

Metodologia

O método usado para o cálculo das esperanças de vida sem incapacidade foi, como já se referiu, o método de Sullivan (Sullivan, 1971), que conjuga dados sobre a mortalidade e sobre a prevalência de incapacidade física de longa duração na população.

As prevalências de incapacidade física de longa duração utilizadas no presente trabalho e que deram origem às esperanças de vida sem incapacidade que adiante se apresentam, foram:

- 1) Prevalência de, pelo menos, uma incapacidade,
- 2) Prevalência de, pelo menos, uma incapacidade mas excluindo os indivíduos confinados à cama, à cadeira ou à casa (casos de *handicap* para a mobilidade),
- 3) Prevalência de incapacidade funcional, obtida considerando todos os indivíduos confinados à cama ou à cadeira e todos os que referiram incapacidade em relação à locomoção e capacidade motora (pelo menos numa das perguntas n.º 6, 7 e 15 do questionário em anexo),
- 4) Prevalência de incapacidade para a locomoção, obtida considerando todos os confinados à cama ou à cadeira e todos os que referiram incapacidade na locomoção (pergunta 6 do questionário),
- 5) Prevalência de incapacidade que restrinja a actividade, obtida considerando todos os confinados à cama ou à cadeira e todos os que

referiram incapacidade em pelo menos uma das perguntas n.º 10, 11, 12, 16, 19 e 20 do questionário,

- 6) Prevalência de incapacidade na comunicação, obtida considerando todos os que referiram incapacidade em, pelo menos, uma das perguntas sobre incapacidade para ouvir, para ver e para falar (perguntas 25, 27 ou 29 do questionário),
- 7) Prevalências de incapacidade para ouvir, para ver ou para falar, obtidas considerando todos os que referiram incapacidade nas perguntas n.º 25, 27 e 29, respectivamente.

As tábuas de mortalidade divulgadas anualmente pelo INE permitem conhecer as esperanças de vida no momento e quantificar o número de anos de vida ganhos (ou perdidos). Estas tábuas de mortalidade são modelos de análise demográfica que sintetizam determinado número de funções, permitem analisar, numa dada população, o fenómeno da mortalidade e deduzir a vida média dessa mesma população. São elaboradas para cada sexo, por idades anuais ou grupos etários quinquenais, situando-se a idade inicial nos zero anos (para se obter a esperança de vida à nascença).

A tábua de mortalidade é constituída por várias funções:

- ${}^n m_x$ – taxa de mortalidade, ou seja, relação entre o número de óbitos e a população média (por mil habitantes),
- ${}^n q_x$ – quociente de mortalidade, ou seja, a probabilidade de um indivíduo com a idade x morrer antes de atingir a idade $x + n$,
- ${}^n l_x$ - função de sobrevivência, ou seja o número de indivíduos que

sujeitos à mortalidade de ${}^n q_x$ atingem a idade x , sendo l_0 considerado a raiz da tábua e igual a 100 mil sobreviventes;

- ${}^n d_x$ - número de mortes esperadas entre as idades x e $x + n$:

$${}^n d_x = l_x * {}^n q_x$$

Esta função fornece a evolução do calendário da mortalidade segundo a idade.

- ${}^n L_x$ - função definida como o número de sobreviventes no intervalo do grupo etário dos x a $x+n$ admitindo uma população estacionária. Também é definida como o número total de anos vividos pelos sobreviventes l_x entre as idades x e $x+n$;

$${}^n L_x = {}^n d_x / {}^n q_x \quad \text{para } x > 0$$

- ${}^n T_x = \sum_x {}^n L_x$ (w - idade mais elevada observada)

- e_x^0 - esperança de vida (número esperado de anos de vida ou vida média dos indivíduos que atingiram a idade x)

$$e_x^0 = {}^n T_x / L_x$$

Neste trabalho, com o objectivo de harmonizar os dados recolhidos pelo INS com os dados da mortalidade recolhidos pelo INE, construíram-se tábuas de mortalidade abreviadas, para Portugal Continental e para os anos 1995/1996, diferenciadas por sexo e tendo em conta os grupos etários iniciais pretendidos. Assim, as tábuas de mortalidade utilizadas têm início no grupo dos 10 aos 14 anos, excepto as utilizadas no estudo da esperança de vida sem incapacidade em pessoas

institucionalizadas que têm início no grupo dos 65 aos 69 anos.

O cálculo das esperanças de vida sem incapacidade, através do método de Sullivan, tomou como ponto de partida o número de sobreviventes (${}^n l_x$) das tábuas de mortalidade, tendo-se determinado o número de anos vividos em cada grupo de idade (${}^n L_x$).

Considerando a prevalência de cada um dos tipos de incapacidade física de longa duração calculou-se, para cada grupo etário, o número de anos vividos com incapacidade. Deduzindo, em cada grupo etário, o número de anos vividos com incapacidade, ao número de anos vividos (${}^n L_x$), resultou o número de anos vividos sem incapacidade.

Para obter a esperança de vida sem incapacidade (EVSI) num determinado grupo de idade, acumularam-se os anos vividos sem incapacidade desde o grupo etário considerado até ao último e relacionou-se o somatório com o efectivo dos sobreviventes no grupo etário considerado. Os valores obtidos indicam qual o número de anos que uma pessoa de um determinado sexo e de um determinado grupo etário pode esperar viver sem a incapacidade do tipo considerado.

As esperanças de vida sem incapacidade calculadas sem considerar a população a viver em instituições, estão muito provavelmente, sobreavaliadas, dada a maior prevalência de incapacidade naquelas populações. Uma das formas de tentar minorar este erro consiste em admitir que todos os indivíduos que vivem em determinados tipos de instituições têm incapacidade. Conhecendo a proporção da população que vive em instituições pode corrigir-se a prevalência de incapacidade na população total segundo um método proposto pelo grupo de investigadores

da Rede de Esperanças de Vida Em Saúde (REVES) (Euro-Reves, 1997).

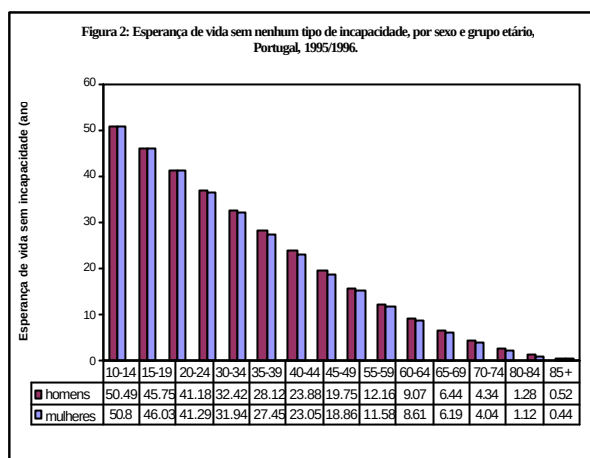
Em Portugal, os dados do Censo de 1991 não permitem a completa individualização das instituições segundo o seu tipo. Mesmo seleccionando apenas as instituições da área da assistência e saúde, não pareceu correcto admitir que toda essa população fosse considerada com incapacidade, em especial nos grupos etários inferiores a 65 anos.

Assim, apenas se utilizaram os dados referentes à população com idade igual ou superior a 65 anos a residir em instituições da área da assistência e saúde em Portugal Continental, de acordo com o Censo de 1991. Calculou-se a proporção dessa população em relação à população total e com ela se corrigiu uma das prevalências referidas neste trabalho: a prevalência de “pelo menos uma incapacidade”. A prevalência corrigida foi depois aplicada no cálculo da esperança de vida sem nenhum tipo de incapacidade, segundo o método acima descrito.

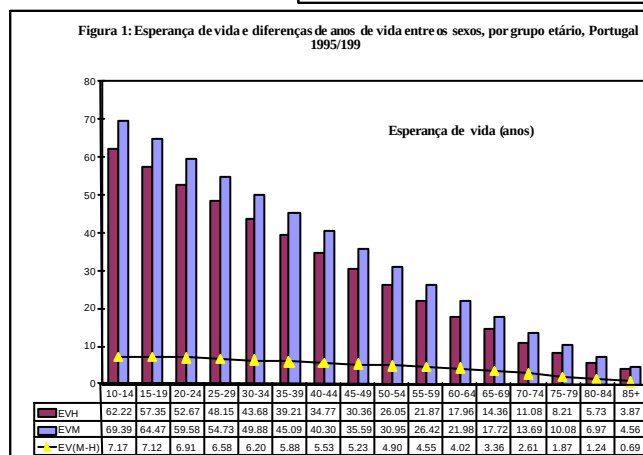
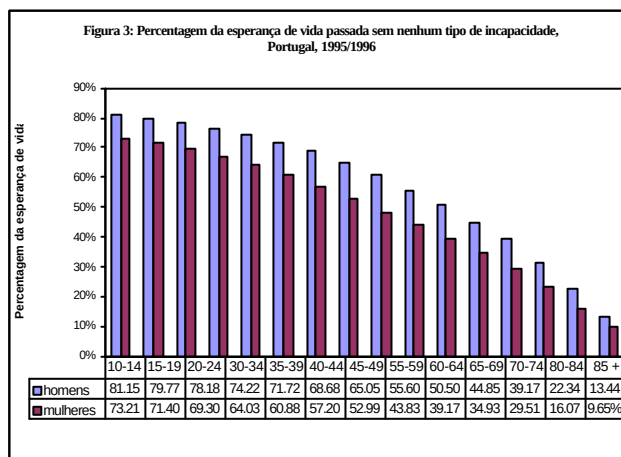
3 - Análise dos resultados

Os resultados deste trabalho mostram que, embora a esperança de vida dos homens seja, como aliás já é sabido, inferior à das mulheres em todos os grupos etários (Figura 1 e 2), a

percentagem de anos que aqueles podem esperar viver sem incapacidade de qualquer tipo é, de um modo geral, superior à das mulheres (Figuras 3).



Por outro lado, a observação de que a esperança de vida sem nenhum tipo de incapacidade, obtida a partir das prevalências de incapacidade, não apresenta diferenças apreciáveis entre os sexos em nenhum grupo etário, deve ser interpretada tendo em atenção a esperança de vida dos homens e das mulheres.



Da relação entre estas duas variáveis resulta uma maior percentagem da esperança de vida sem incapacidade, nos homens. Veja-se, por exemplo, os valores correspondentes a quatro fases

distintas da vida, representadas pelos grupos etários 10 a 14 anos, 40 a 44 anos, 65 a 69 anos e 85 e mais anos (quadros 1, 2 e 3).

Quadro 1: Esperança de vida sem incapacidade, segundo o tipo de incapacidade em grupos etários seleccionados, nos homens, em Portugal Continental (1995/1996)						
Esperança de vida sem incapacidade (anos)						
Grupo etário (anos)	Esperança De vida	De nenhum tipo	Para a locomoção	Funcional	Que restrinja a actividade	Para a comunicação
10-14	62,22	50,49	58,85	54,13	57,71	56,28
40-44	34,77	23,88	31,50	26,81	30,37	29,38
65-69	14,36	6,44	11,43	8,15	10,82	10,10
85 +	3,87	0,52	1,74	1,08	1,83	1,49

Quadro 2: Esperança de vida sem incapacidade, segundo o tipo de incapacidade em grupos etários seleccionados, nas mulheres, em Portugal Continental (1995/1996)						
Esperança de vida sem incapacidade (anos)						
Grupo etário (anos)	Esperança De vida	De nenhum tipo	Para a locomoção	Funcional	Que restrinja a actividade	Para a comunicação
10-14	69,39	50,80	62,73	54,58	61,10	62,41
40-44	40,30	23,05	33,84	26,06	32,32	34,01
65-69	17,72	6,19	12,50	7,81	11,89	12,68
85 +	4,56	0,44	1,70	0,85	1,72	1,79

Quadro 3: Percentagem da esperança de vida passada sem incapacidade, segundo o sexo em grupos etários seleccionados, em Portugal Continental (1995/1996),										
Percentagem da esperança de vida passada sem incapacidade (%)										
Grupo etário (anos)	De nenhum tipo		Incapacidade para a locomoção		Incapacidade funcional		Incapacidade que restrinja a actividade		Incapacidade para a comunicação	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
10-14	81,15	73,21	94,58	90,40	87,00	78,66	92,75	88,05	90,45	89,94
40-44	68,68	57,20	90,60	83,97	77,11	64,67	87,35	80,20	84,50	84,39
65-69	44,85	34,93	79,60	70,54	56,75	44,07	75,35	67,10	70,33	71,56
85 +	13,44	9,65	44,96	37,28	27,91	18,64	47,29	37,72	38,50	39,25

H- homens; M- mulheres

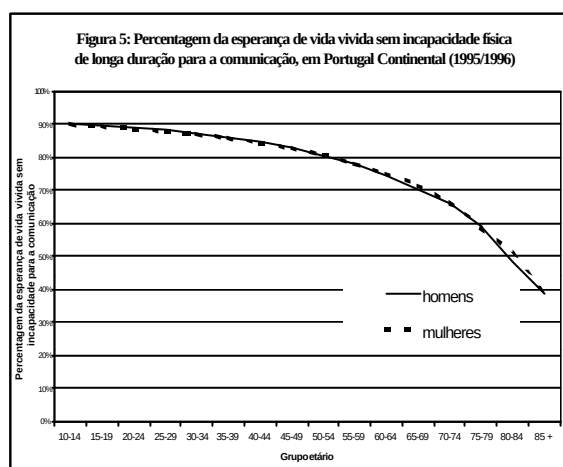
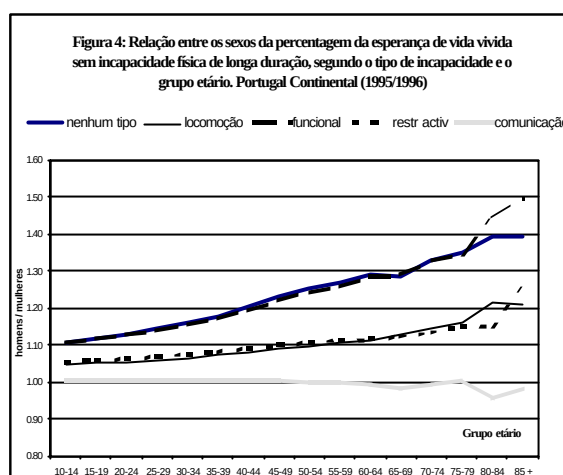
Tomando o grupo etário de 85 e mais anos, verifica-se que a esperança de vida das mulheres é de 4,56 anos, dos quais só aproximadamente 0,44 anos (9,7 % da esperança de vida naquele grupo etário) poderão ser vividos sem nenhum tipo de incapacidade. Da mesma forma, as mulheres neste grupo de idade poderão esperar viver 1,70 anos (37,3 % da esperança de vida) sem incapacidade para a locomoção, 0,85 anos (18,6 % da esperança de vida) sem incapacidade funcional, 1,72 anos (37,7 % da esperança de vida) sem incapacidade que restrinja a actividade e, finalmente, 1,79 anos (39,3 % da esperança de vida) sem incapacidade para a comunicação.

Por seu lado, os homens no mesmo grupo etário, embora tenham uma esperança de vida de 3,87 anos, inferior portanto em 0,69 anos à das mulheres, podem esperar viver 0,5 anos sem nenhum tipo de incapacidade, ou seja, 13,4 % da sua esperança de vida, valor superior em 3,8 % ao verificado no sexo feminino. Ainda neste grupo etário, os homens podem esperar viver 1,74 anos sem incapacidade para a locomoção (45,0 % da sua esperança de vida), 1,08 anos sem incapacidade funcional (27,9 % da sua esperança de vida), 1,83 anos sem incapacidade que restrinja a actividade (47,3 % da sua esperança de vida) e 1,49 anos sem incapacidade para a comunicação (38,5 % da sua esperança de vida).

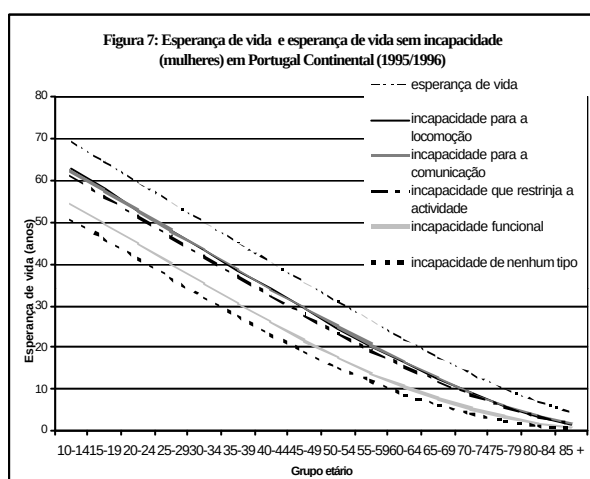
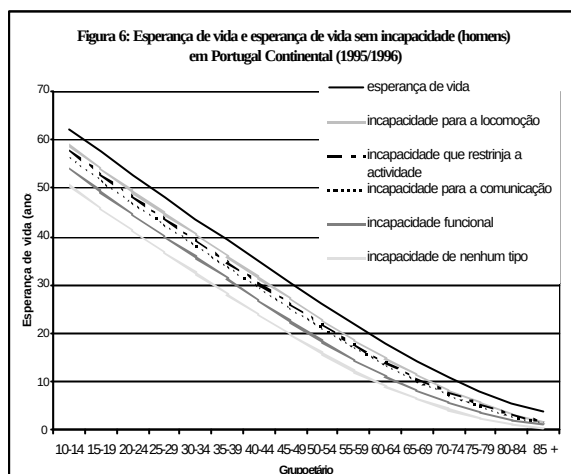
Poder-se-ão descrever cenários semelhantes para os restantes grupos etários.

A razão entre as percentagens da esperança de vida sem os diferentes tipos de incapacidade física de longa duração nos homens e nas mulheres está bem patente na figura 4. De facto, pode-se observar que as maiores diferenças entre os sexos se verificam para a

incapacidade de tipo funcional e para a ausência de incapacidade. A maior proximidade entre os valores das esperanças de vida sem incapacidade dos homens e das mulheres, surge, em termos relativos, nas esperanças de vida sem incapacidade para a comunicação (Figura 4 e Figura 5).



Observando agora o modo como os valores das várias esperanças de vida sem incapacidade, tal como foram definidos neste trabalho, se distribuem ao longo da vida, verifica-se que, em cada grupo etário, eles se situam sempre entre o valor máximo da esperança de vida e o valor mínimo da esperança de vida sem nenhum tipo de incapacidade, em ambos os sexos e qualquer que seja grupo de idades considerado, tal como esperado (Figuras 6 e 7).

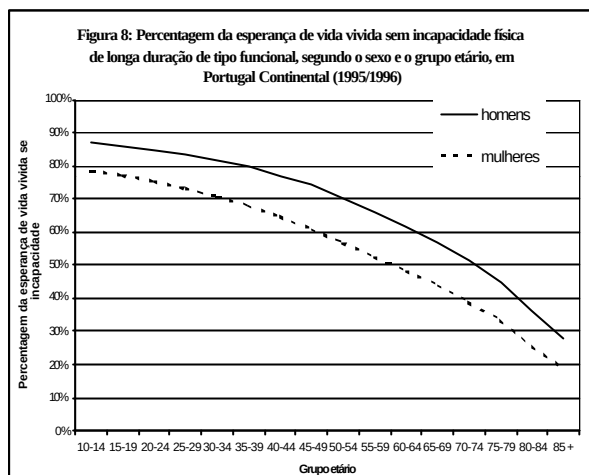


No entanto, a posição relativa de cada um dos tipos de esperança de vida sem incapacidade, em cada grupo etário, é diferente no sexo masculino e no sexo feminino. Assim, no sexo masculino, a esperança de vida sem incapacidade para a locomoção tem um valor mais elevado do que a esperança de vida sem incapacidade que restrinja a actividade, excepto acima dos 85 anos de idade. Por sua vez, a esperança de vida sem incapacidade que restrinja a actividade tem um valor superior à esperança de vida sem incapacidade para a comunicação em todos os grupos etários e esta é sempre superior à esperança de vida sem incapacidade funcional (Quadro 1 e Figura 6).

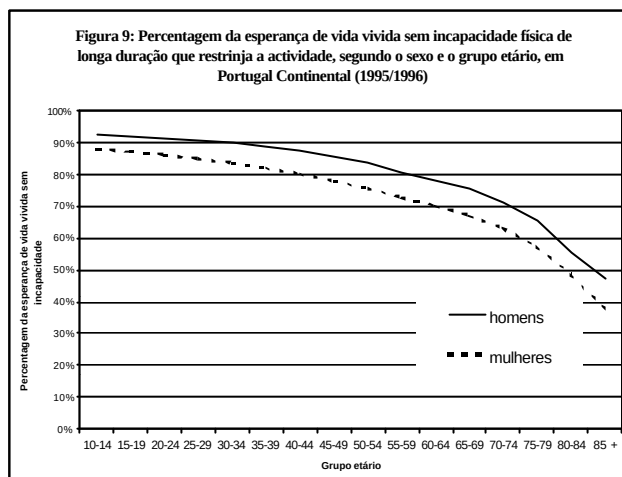
No sexo feminino a situação é diferente. Assim, até ao grupo etário dos 25 aos 29 anos a esperança de vida sem incapacidade para a locomoção tem também o valor mais elevado, logo abaixo do valor da esperança de vida. No entanto, ao contrário do que se passa no sexo masculino, as mulheres com mais de 29 anos de idade podem esperar viver mais anos sem incapacidade para a comunicação do que sem incapacidade que restrinja a actividade e sem incapacidade funcional. Apesar de real, esta inversão entre a posição relativa da esperança de vida sem incapacidade para a locomoção e da esperança de vida sem incapacidade para a comunicação nunca se traduz em diferenças elevadas (Quadro 2 e Figura 7).

De acordo com estas observações parece poder afirmar-se que a incapacidade de tipo funcional, tal como foi definida para este trabalho, é aquela com a qual tanto homens como mulheres podem esperar viver mais anos da sua vida, se se exceptuar, como é óbvio, a esperança de vida sem nenhum tipo de incapacidade (Figuras 6 e 7).

Este facto merece algum relevo já que a definição de incapacidade de tipo funcional utilizada inclui itens ligados essencialmente à mobilidade (andar em local plano, subir e descer escadas e apanhar objectos do chão) que podem ter um grande impacto na autonomia pessoal tanto nos homens como nas mulheres (Figura 8).

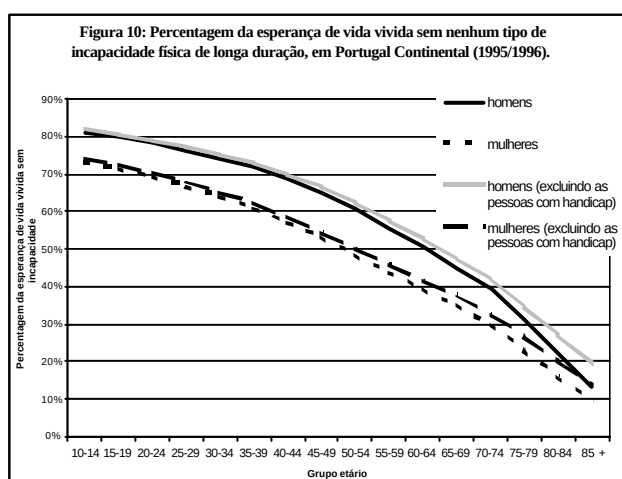


Um outro tipo de incapacidade importante para a autonomia pessoal é aquela que origina restrições à actividade. Este trabalho parece mostrar que a esperança de vida sem este tipo de incapacidade não surge tão cedo como a incapacidade de tipo funcional em qualquer dos sexos (Figuras 6 e 7). No entanto, os itens que ela engloba, ligados essencialmente às actividades da vida diária, têm também um impacto potencialmente importante na qualidade de vida das populações (Figura 9).



Como seria de esperar, verificou-se neste trabalho que as taxas de prevalência dos tipos de incapacidade considerados, nomeadamente a prevalência de “pelo menos um tipo de incapacidade”, aumentam em ambos os sexos ao longo da vida, o que se reflecte na diminuição da percentagem da esperança de vida sem incapacidade (Anexo 1: Quadros A3 e A4).

No caso da prevalência de “pelo menos um tipo de incapacidade”, a inclusão dos casos de *handicap* para a mobilidade, isto é de pessoas confinadas à cama, à cadeira ou à casa, parece influenciar a percentagem da esperança de vida sem incapacidade, sobretudo a partir do grupo etário 65 a 69 anos de idade, em ambos os sexos (Figura 10).



4 - Conclusões

Como já se referiu, a esperança de vida sem incapacidade calculada pelo método de Sullivan é um indicador que tem vindo a ser utilizado pela OMS e por outras organizações internacionais para avaliar a evolução do estado de saúde das populações, em particular das populações idosas (WHO, 1985; WHO, 1996).

Este indicador não pôde, até agora, ser calculado em Portugal por não se dispor de dados sobre a incapacidade física de longa duração. No entanto, com o INS de 1995/1996 foi possível colher os dados de base populacional necessários já que se aplicou, pela primeira vez, o instrumento de notação recomendado pela OMS (WHO, 1996; INS, 1995/96). Também no INS realizado em 1998/1999 se voltou a utilizar o mesmo instrumento de notação na área da incapacidade física de longa duração, o que permitirá dispor de informação relativa a dois períodos diferentes. Consequentemente, Portugal poderá vir a contribuir com informação acerca deste indicador em próximas avaliações. Procedeu-se neste trabalho à correcção da prevalência de incapacidade física de longa duração tendo em conta as pessoas que vivem em instituições. Embora neste ensaio não se tenha detectado uma alteração sensível da esperança de vida sem incapacidade, parece que se deverá continuar a trabalhar nesta área já que a prevalência de incapacidade nesta população é, certamente, maior do que na população em geral.

O desejável seria que se obtivessem dados sobre a prevalência de incapacidade nas populações institucionalizadas por inclusão das instituições na amostra do INS, à semelhança do que se faz quer na Bélgica quer na Dinamarca. Outras vias poderão ser a realização de estudos exploratórios nalgumas instituições ou,

finalmente, a correcção das estimativas de prevalência de incapacidade física de longa duração, tal como se fez neste trabalho, tentando uma melhor definição e individualização do tipo de instituições consideradas.

A importância crescente deste tipo de indicadores levou à constituição de uma rede internacional de investigação, conhecida por REVES (Euro-Reves, 1995), que agrupa a maior parte dos investigadores que trabalham nesta área e que visa estudar os aspectos metodológicos inerentes à sua obtenção e à harmonização de conceitos e instrumentos.

As tábuas de mortalidade calculadas no Instituto Nacional de Estatística revelam que a esperança de vida dos homens é inferior à das mulheres em todos os grupos etários, à semelhança do que ocorre noutros países da UE.

Os resultados deste trabalho mostram que, no entanto, a percentagem do número de anos de vida que os homens podem esperar viver sem incapacidade é, de um modo geral, sempre superior à das mulheres.

Isto significa que, apesar das mulheres viverem mais anos, os homens podem esperar viver, em termos relativos, mais tempo sem incapacidade física de longa duração. A única excepção parece verificar-se na incapacidade para a comunicação em que a percentagem da esperança de vida passada sem aquele tipo de incapacidade é semelhante em ambos os sexos.

À sobremortalidade masculina, traduzida por uma menor esperança de vida, parece assim contrapor-se uma vantagem decorrente da maior percentagem do número de anos de vida que os homens podem esperar viver sem incapacidade.

Referências

Boshuizen, H, van de Water, H. *An International Comparison of Health Expectancies, Leiden*. TNO Preventive en Gezondheid, 1994.

Euro-Reves. *Health Expectancy Calculation by the Sullivan Method: A Practical Guide*. Montpellier, INSERM, 1997.

Instituto Nacional de Estatística. Estatísticas Demográficas,.Lisboa, INE, 1995 e 1996

Instituto Nacional de Estatística. Estimativas de população residente, 1995 e 1996.

Instituto Nacional de Estatística. Tábuas de mortalidade, 1995/1996, Lisboa, INE, 1995 e 1996.

Instituto Nacional de Estatística. Recenseamento Geral da População:1991. Lisboa, INE, 1992.

Ministério da Saúde - Departamento de Estudos e Planeamento da Saúde. Inquérito Nacional de Saúde, 1995/1996. Lisboa, DEPS, 1997.

OMS, *Targets for Health for All*. Copenhagen, WHO Regional Office for Europe, 1985 (European Health for All n.º 1). 1985.

Sanders, B. *Measuring Community Health* , Am, J, Public Health 1964; 54: 1063-1070.

Sullivan, D. *A single Index of Mortality and Morbidity*, HSMHA Health Reports 1971; 86: 347-354.

World Health Organization. Health Interview Surveys: Towards international harmonization of methods and instruments. WHO Regional publications European Series n.º 58. 1996.

Anexo 1

Esperança de vida sem incapacidade física de longa duração, segundo o tipo de incapacidade, o sexo e grupos de idade.

Quadros com a esperança de vida, prevalência de incapacidade, esperança de vida sem incapacidade e relação entre a esperança de vida sem incapacidade e a esperança de vida, segundo o tipo de incapacidade considerado.

Quadro A1: Esperança de vida sem incapacidade, segundo o tipo de incapacidade e o grupo etário, nos homens, em Portugal Continental (1995/1996)

Esperança de vida sem incapacidade (anos)						
Grupo etário (anos)	Esperança de vida	De nenhum tipo	Para a locomoção	Funcional	Que restrinja a actividade	Para a comunicação
10-14	62,22	50,49	58,85	54,13	57,71	56,28
15-19	57,35	45,75	53,99	49,27	52,84	51,49
20-24	52,67	41,18	49,33	44,61	48,17	46,91
25-29	48,15	36,73	44,80	40,07	43,66	42,45
30-34	43,68	32,42	40,37	35,65	39,20	38,07
35-39	39,21	28,12	35,93	31,22	34,77	33,71
40-44	34,77	23,88	31,50	26,81	30,37	29,38
45-49	30,36	19,75	27,11	22,50	26,01	25,13
50-54	26,05	15,82	22,80	18,36	21,75	21,01
55-59	21,87	12,16	18,68	14,43	17,67	17,07
60-64	17,96	9,07	14,84	11,12	14,03	13,40
65-69	14,36	6,44	11,43	8,15	10,82	10,10
70-74	11,08	4,34	8,31	5,72	7,92	7,29
75-79	8,21	2,56	5,65	3,67	5,40	4,87
80-84	5,73	1,28	3,39	2,10	3,19	2,78
85 +	3,87	0,52	1,74	1,08	1,83	1,49

Quadro A2: Esperança de vida sem incapacidade, segundo o tipo de incapacidade e o grupo etário, nas mulheres, em Portugal Continental (1995/1996)

Esperança de vida sem incapacidade (anos)						
Grupo etário (anos)	Esperança de vida	De nenhum tipo	Para a locomoção	Funcional	Que restrinja a actividade	Para a comunicação
10-14	69,39	50,80	62,73	54,58	61,10	62,41
15-19	64,47	46,03	57,84	49,70	56,21	57,60
20-24	59,58	41,29	52,98	44,84	51,33	52,83
25-29	54,73	36,57	48,14	40,02	46,50	48,07
30-34	49,88	31,94	43,33	35,28	41,71	43,35
35-39	45,09	27,45	38,58	30,62	36,99	38,70
40-44	40,30	23,05	33,84	26,06	32,32	34,01
45-49	35,59	18,86	29,21	21,67	27,76	29,42
50-54	30,95	15,00	24,68	17,56	23,38	24,97
55-59	26,42	11,58	20,37	13,88	19,22	20,66
60-64	21,98	8,61	16,31	10,61	15,41	16,52
65-69	17,72	6,19	12,50	7,81	11,89	12,68
70-74	13,69	4,04	8,96	5,32	8,64	9,08
75-79	10,08	2,33	5,97	3,36	5,77	5,95
80-84	6,97	1,12	3,40	1,77	3,38	3,55
85 +	4,56	0,44	1,70	0,85	1,72	1,79

Quadro A3: Prevalências dos tipos de incapacidade, segundo o sexo e o grupo etário em Portugal Continental (1995/1996)										
Prevalências de incapacidade (%)										
Grupo etário (anos)	Pelo menos um tipo de incapacidade		Incapacidade para a locomoção		Incapacidade funcional		Incapacidade que restrinja a actividade		Incapacidade para a comunicação	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
10-14	3,4	3,3	0,4	0,7	0,7	1,2	0,4	0,8	2,1	2,3
15-19	3,4	3,7	0,7	0,8	1,1	1,1	0,5	0,5	2,4	2,7
20-24	3,6	3,7	0,6	0,7	1,2	1,5	1,0	0,8	2,3	2,2
25-29	5,7	5,4	1,4	1,0	2,8	2,9	1,3	1,7	3,2	2,9
30-34	6,4	7,5	1,6	1,4	3,0	3,9	2,0	2,1	3,6	3,3
35-39	7,4	9,4	1,1	1,5	3,1	6,0	2,2	3,1	4,0	2,5
40-44	9,5	13,0	1,6	2,7	4,9	8,6	2,6	4,2	5,0	3,5
45-49	12,6	19,3	1,7	3,5	7,1	13,6	3,1	6,9	6,3	5,0
50-54	17,2	27,2	3,3	6,5	10,3	21,2	4,9	9,9	8,3	6,3
55-59	26,6	35,9	4,8	10,2	19,7	28,8	9,7	15,7	9,7	8,6
60-64	34,0	46,0	9,1	13,2	24,0	37,1	14,4	19,5	13,8	12,2
65-69	43,3	50,8	10,8	15,8	32,5	42,1	16,7	22,3	20,1	14,6
70-74	49,2	58,3	16,2	22,9	38,4	50,8	20,2	25,7	24,7	20,0
75-79	60,6	68,1	22,1	27,7	47,6	56,8	24,8	31,9	30,7	30,9
80-84	73,1	79,4	33,3	43,1	58,9	69,8	39,9	43,9	46,3	40,7
85 +	86,4	90,4	55,1	62,8	72,0	81,3	52,8	62,3	61,4	60,7

H - homens; M – mulheres

Quadro A4: Percentagem da esperança de vida passada sem incapacidade, segundo o sexo e o grupo etário, em Portugal Continental (1995/1996)										
Percentagem da esperança de vida passada sem incapacidade (%)										
Grupo etário (anos)	Pelo menos um tipo de incapacidade		Incapacidade para a locomoção		Incapacidade funcional		Incapacidade que restrinja a actividade		Incapacidade para a comunicação	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
10-14	81,15	73,21	94,58	90,40	87,00	78,66	92,75	88,05	90,45	89,94
15-19	79,77	71,40	94,14	89,72	85,91	77,09	92,14	87,19	89,78	89,34
20-24	78,18	69,30	93,66	88,92	84,70	75,26	91,46	86,15	89,06	88,67
25-29	76,28	66,82	93,04	87,96	83,22	73,12	90,67	84,96	88,16	87,83
30-34	74,22	64,03	92,42	86,87	81,62	70,73	89,74	83,62	87,16	86,91
35-39	71,72	60,88	91,63	85,56	79,62	67,91	88,68	82,04	85,97	85,83
40-44	68,68	57,20	90,60	83,97	77,11	64,67	87,35	80,20	84,50	84,39
45-49	65,05	52,99	89,30	82,07	74,11	60,89	85,67	78,00	82,77	82,66
50-54	60,73	48,47	87,52	79,74	70,48	56,74	83,49	75,54	80,65	80,68
55-59	55,60	43,83	85,41	77,10	65,98	52,54	80,80	72,75	78,05	78,20
60-64	50,50	39,17	82,63	74,20	61,92	48,27	78,12	70,11	74,61	75,16
65-69	44,85	34,93	79,60	70,54	56,75	44,07	75,35	67,10	70,33	71,56
70-74	39,17	29,51	75,00	65,45	51,62	38,86	71,48	63,11	65,79	66,33
75-79	31,18	23,12	68,82	59,23	44,70	33,33	65,77	57,24	59,32	59,03
80-84	22,34	16,07	59,16	48,78	36,65	25,39	55,67	48,49	48,52	50,93
85 +	13,44	9,65	44,96	37,28	27,91	18,64	47,29	37,72	38,50	39,25

Quadro A5: Esperança de vida sem nenhum tipo de incapacidade de longa duração, segundo o sexo e o grupo etário, em Portugal Continental (1995/1996)

Grupo etário (1)	Homens				Mulheres			
	Esperança de vida (ex) (1)	Prevalência de incapacidade (2)	Esperança de vida sem incapacidade (evsi) (1)	Evsi / ex	Esperança de vida (ex) (1)	Prevalência de incapacidade (2)	Esperança de vida sem incapacidade (evsi) (1)	evsi / ex
10-14	62,22	0,03365	50,49	0,8115	69,39	0,03286	50,80	0,7321
15-19	57,35	0,03384	45,75	0,7977	64,47	0,03708	46,03	0,7140
20-24	52,67	0,03641	41,18	0,7818	59,58	0,03690	41,29	0,6930
25-29	48,15	0,05672	36,73	0,7628	54,73	0,05385	36,57	0,6682
30-34	43,68	0,06380	32,42	0,7422	49,88	0,07548	31,94	0,6403
35-39	39,21	0,07386	28,12	0,7172	45,09	0,09444	27,45	0,6088
40-44	34,77	0,09471	23,88	0,6868	40,30	0,13015	23,05	0,5720
45-49	30,36	0,12603	19,75	0,6505	35,59	0,19250	18,86	0,5299
50-54	26,05	0,17226	15,82	0,6073	30,95	0,27215	15,00	0,4847
55-59	21,87	0,26603	12,16	0,5560	26,42	0,35917	11,58	0,4383
60-64	17,96	0,34015	9,07	0,5050	21,98	0,45961	8,61	0,3917
65-69	14,36	0,43333	6,44	0,4485	17,72	0,50806	6,19	0,3493
70-74	11,08	0,49187	4,34	0,3917	13,69	0,58322	4,04	0,2951
75-79	8,21	0,60578	2,56	0,3118	10,08	0,68081	2,33	0,2312
80-84	5,73	0,73054	1,28	0,2234	6,97	0,79370	1,12	0,1607
85 +	3,87	0,86441	0,52	0,1344	4,56	0,90446	0,44	0,0965

(1) em anos

(2) prevalência de pelo menos uma incapacidade

(ex) esperança de vida no grupo etário considerado

evsi: esperança de vida sem incapacidade

Quadro A6: Esperança de vida sem nenhum tipo de incapacidade física de longa duração, segundo o sexo e o grupo etário, em Portugal Continental (1995/1996), incluindo a população residente em instituições de assistência ou de saúde

Grupo etário (1)	Homens				Mulheres			
	Esperança de vida (ex) (1)	Prevalência de incapacidade (2)	Esperança de vida sem incapacidade (evsi) (1)	Evsi / ex	Esperança de vida (ex) (1)	Prevalência de incapacidade (2)	Esperança de vida sem incapacidade (evsi) (1)	evsi / ex
65-69	14,36	0,43714	6,34	0,4415	17,72	0,51149	6,07	0,3426
70-74	11,08	0,49848	4,24	0,3827	13,69	0,58916	3,93	0,2871
75-79	8,21	0,61534	2,48	0,3021	10,08	0,69009	2,24	0,2222
80-84	5,73	0,74147	1,22	0,2129	6,97	0,80454	1,05	0,1506
85 +	3,87	0,87328	0,49	0,1266	4,56	0,91243	0,40	0,0877

(1) em anos

(2) prevalência de, pelo menos, uma incapacidade, corrigida com a população residente em instituições

Quadro A7: Esperança de vida sem nenhum tipo de incapacidade de longa duração, segundo o sexo e o grupo etário, em Portugal Continental (1995/1996), excluindo os casos de "handicap" para a mobilidade ⁽³⁾

Grupo etário (1)	Homens				Mulheres			
	Esperança de vida (ex) (1)	Prevalência de incapacidade (2)	Esperança de vida sem incapacidade (evsi) (1)	Evsi / ex	Esperança de vida (ex) (1)	Prevalência de incapacidade (2)	Esperança de vida sem incapacidade (evsi) (1)	evsi / ex
10-14	62,22	0,03307	50,95	0,8189	69,39	0,02864	51,46	0,7416
15-19	57,35	0,03286	46,22	0,8059	64,47	0,03461	46,66	0,7237
20-24	52,67	0,03221	41,65	0,7908	59,58	0,03281	41,92	0,7036
25-29	48,15	0,05326	37,18	0,7722	54,73	0,04806	37,18	0,6793
30-34	43,68	0,05866	32,85	0,7521	49,88	0,07311	32,52	0,6520
35-39	39,21	0,07204	28,53	0,7276	45,09	0,09402	28,02	0,6214
40-44	34,77	0,09055	24,29	0,6986	40,30	0,12861	23,62	0,5861
45-49	30,36	0,12444	20,15	0,6637	35,59	0,18958	19,43	0,5459
50-54	26,05	0,16755	16,22	0,6226	30,95	0,26611	15,56	0,5027
55-59	21,87	0,25972	12,54	0,5734	26,42	0,35324	12,12	0,4587
60-64	17,96	0,33289	9,45	0,5262	21,98	0,44317	9,13	0,4154
65-69	14,36	0,41754	6,81	0,4742	17,72	0,49478	6,65	0,3753
70-74	11,08	0,46937	4,68	0,4224	13,69	0,56286	4,46	0,3258
75-79	8,21	0,57692	2,86	0,3484	10,08	0,65253	2,69	0,2669
80-84	5,73	0,69124	1,54	0,2688	6,97	0,75131	1,41	0,2023
85 +	3,87	0,80723	0,75	0,1938	4,56	0,86288	0,63	0,1382

(1) em anos

(2) prevalência de, pelo menos, uma incapacidade

(3) O "handicap para a mobilidade" refere-se aos indivíduos confinados à cama, à cadeira ou à casa

Quadro A8: Esperança de vida sem incapacidade física de longa duração de tipo funcional ⁽³⁾, segundo sexo e o grupo etário, em Portugal Continental (1995/1996)

Grupo etário (1)	Homens				Mulheres			
	Esperança de vida (ex) (1)	Prevalência de incapacidade (2)	Esperança de vida sem incapacidade (evsi) (1)	evsi / ex	Esperança de vida (ex) (1)	Prevalência de incapacidade (2)	Esperança de vida sem incapacidade (evsi) (1)	evsi / ex
10-14	62,22	0,00661	54,13	0,8700	69,39	0,01178	54,58	0,7866
15-19	57,35	0,01111	49,27	0,8591	64,47	0,01133	49,70	0,7709
20-24	52,67	0,01196	44,61	0,8470	59,58	0,01452	44,84	0,7526
25-29	48,15	0,02836	40,07	0,8322	54,73	0,02923	40,02	0,7312
30-34	43,68	0,02982	35,65	0,8162	49,88	0,03874	35,28	0,7073
35-39	39,21	0,03072	31,22	0,7962	45,09	0,06025	30,62	0,6791
40-44	34,77	0,04899	26,81	0,7711	40,30	0,08598	26,06	0,6467
45-49	30,36	0,07066	22,50	0,7411	35,59	0,13631	21,67	0,6089
50-54	26,05	0,10256	18,36	0,7048	30,95	0,21203	17,56	0,5674
55-59	21,87	0,19744	14,43	0,6598	26,42	0,28779	13,88	0,5254
60-64	17,96	0,23995	11,12	0,6192	21,98	0,37103	10,61	0,4827
65-69	14,36	0,32517	8,15	0,5675	17,72	0,42149	7,81	0,4407
70-74	11,08	0,38409	5,72	0,5162	13,69	0,50785	5,32	0,3886
75-79	8,21	0,47632	3,67	0,4470	10,08	0,56827	3,36	0,3333
80-84	5,73	0,58882	2,10	0,3665	6,97	0,69771	1,77	0,2539
85 +	3,87	0,72034	1,08	0,2791	4,56	0,81316	0,85	0,1864

(1) em anos

(2) prevalência de, pelo menos, uma incapacidade

(3) consideram-se os indivíduos que têm pelo menos um tipo de incapacidade funcional (ver secção de métodos), assim como todos os indivíduos confinados à cama ou à cadeira (que se considera terem todos incapacidade funcional)

Quadro A9: Esperança de vida sem incapacidade física de longa duração para a locomoção ⁽³⁾, segundo o sexo e o grupo etário, em Portugal Continental (1995/1996)								
Grupo etário (1)	Homens				Mulheres			
	Esperança de vida (ex) (1)	Prevalência de incapacidade (2)	Esperança de vida sem incapacidade (evsi) (1)	evsi / ex	Esperança de vida (ex) (1)	Prevalência de incapacidade (2)	Esperança de vida sem incapacidade (evsi) (1)	evsi / ex
10-14	62,22	0,00421	58,85	0,9458	69,39	0,00744	62,73	0,9040
15-19	57,35	0,00657	53,99	0,9414	64,47	0,00772	57,84	0,8972
20-24	52,67	0,00598	49,33	0,9366	59,58	0,00726	52,98	0,8892
25-29	48,15	0,01418	44,80	0,9304	54,73	0,01000	48,14	0,8796
30-34	43,68	0,01595	40,37	0,9242	49,88	0,01403	43,33	0,8687
35-39	39,21	0,01111	35,93	0,9163	45,09	0,01506	38,58	0,8556
40-44	34,77	0,01633	31,50	0,9060	40,30	0,02709	33,84	0,8397
45-49	30,36	0,01655	27,11	0,8930	35,59	0,03532	29,21	0,8207
50-54	26,05	0,03287	22,80	0,8752	30,95	0,06519	24,68	0,7974
55-59	21,87	0,04808	18,68	0,8541	26,42	0,10151	20,37	0,7710
60-64	17,96	0,09097	14,84	0,8263	21,98	0,13203	16,31	0,7420
65-69	14,36	0,10816	11,43	0,7960	17,72	0,15821	12,50	0,7054
70-74	11,08	0,16168	8,31	0,7500	13,69	0,22935	8,96	0,6545
75-79	8,21	0,22105	5,65	0,6882	10,08	0,27675	5,97	0,5923
80-84	5,73	0,33333	3,39	0,5916	6,97	0,43123	3,40	0,4878
85 +	3,87	0,55085	1,74	0,4496	4,56	0,62766	1,70	0,3728

(1) em anos

(2) prevalência de, pelo menos, uma incapacidade

(3) inclui os indivíduos que têm incapacidade para a locomoção (ver secção 2) bem como todos os indivíduos confinados à cama ou à cadeira (que se considera terem todos incapacidade para a locomoção)

Quadro A10: Esperança de vida sem incapacidade física de longa duração que restrinja a actividade ⁽³⁾, segundo o sexo e o grupo etário, em Portugal Continental (1995/1996)								
Grupo etário (1)	Homens				Mulheres			
	Esperança de vida (ex) (1)	Prevalência de incapacidade (2)	Esperança de vida sem incapacidade (evsi) (1)	Evsi / ex	Esperança de vida (ex) (1)	Prevalência de incapacidade (2)	Esperança de vida sem incapacidade (evsi) (1)	evsi / ex
10-14	62,22	0,00361	57,71	0,9275	69,39	0,00806	61,10	0,8805
15-19	57,35	0,00455	52,84	0,9214	64,47	0,00516	56,21	0,8719
20-24	52,67	0,01033	48,17	0,9146	59,58	0,00847	51,33	0,8615
25-29	48,15	0,01271	43,66	0,9067	54,73	0,01694	46,50	0,8496
30-34	43,68	0,02011	39,20	0,8974	49,88	0,02139	41,71	0,8362
35-39	39,21	0,02160	34,77	0,8868	45,09	0,03074	36,99	0,8204
40-44	34,77	0,02613	30,37	0,8735	40,30	0,04240	32,32	0,8020
45-49	30,36	0,03121	26,01	0,8567	35,59	0,06902	27,76	0,7800
50-54	26,05	0,04865	21,75	0,8349	30,95	0,09943	23,38	0,7554
55-59	21,87	0,09679	17,67	0,8080	26,42	0,15672	19,22	0,7275
60-64	17,96	0,14408	14,03	0,7812	21,98	0,19454	15,41	0,7011
65-69	14,36	0,16701	10,82	0,7535	17,72	0,22342	11,89	0,6710
70-74	11,08	0,20154	7,92	0,7148	13,69	0,25683	8,64	0,6311
75-79	8,21	0,24802	5,40	0,6577	10,08	0,31948	5,77	0,5724
80-84	5,73	0,3988	3,19	0,5567	6,97	0,43885	3,38	0,4849
85 +	3,87	0,52766	1,83	0,4729	4,56	0,6226	1,72	0,3772

(1) em anos

(2) prevalência de, pelo menos, uma incapacidade

(3) inclui os indivíduos que têm pelo menos um tipo de incapacidade nas actividades do dia a dia (ver secção 2) assim como todos os indivíduos confinados à cama ou à cadeira (que são considerados como tendo incapacidade que lhes restringe a actividade)

Quadro A11: Esperança de vida sem incapacidade física de longa duração para a comunicação⁽³⁾, segundo o sexo e o grupo etário, em Portugal Continental (1995/1996)								
Grupo etário (1)	Homens				Mulheres			
	Esperança de vida (ex) (1)	Prevalência de incapacidade (2)	Esperança de vida sem incapacidade (evsi) (1)	evsi / ex	Esperança de vida (ex) (1)	Prevalência de incapacidade (2)	Esperança de vida sem incapacidade (evsi) (1)	evsi / ex
10-14	62,22	0,02103	56,28	0,9045	69,39	0,02294	62,41	0,8994
15-19	57,35	0,02424	51,49	0,8978	64,47	0,02678	57,60	0,8934
20-24	52,67	0,02337	46,91	0,8906	59,58	0,02238	52,83	0,8867
25-29	48,15	0,03211	42,45	0,8816	54,73	0,02923	48,07	0,8783
30-34	43,68	0,03606	38,07	0,8716	49,88	0,03273	43,35	0,8691
35-39	39,21	0,03987	33,71	0,8597	45,09	0,02549	38,70	0,8583
40-44	34,77	0,04964	29,38	0,8450	40,30	0,03536	34,01	0,8439
45-49	30,36	0,06302	25,13	0,8277	35,59	0,05019	29,42	0,8266
50-54	26,05	0,08284	21,01	0,8065	30,95	0,06329	24,97	0,8068
55-59	21,87	0,09744	17,07	0,7805	26,42	0,08589	20,66	0,7820
60-64	17,96	0,13843	13,40	0,7461	21,98	0,12201	16,52	0,7516
65-69	14,36	0,20136	10,10	0,7033	17,72	0,14627	12,68	0,7156
70-74	11,08	0,24722	7,29	0,6579	13,69	0,19986	9,08	0,6633
75-79	8,21	0,30658	4,87	0,5932	10,08	0,30904	5,95	0,5903
80-84	5,73	0,46307	2,78	0,4852	6,97	0,40746	3,55	0,5093
85 +	3,87	0,61441	1,49	0,3850	4,56	0,60722	1,79	0,3925

(1) em anos

(2) prevalência de, pelo menos, uma incapacidade

(3) inclui todos os indivíduos que têm pelo menos um tipo de incapacidade na comunicação (ver, ouvir ou falar)

Quadro A12: Esperança de vida sem incapacidade física de longa duração para a audição⁽³⁾, segundo o sexo e o grupo etário, em Portugal Continental (1995/1996)								
Grupo etário (1)	Homens				Mulheres			
	Esperança de vida (ex) (1)	Prevalência de incapacidade (2)	Esperança de vida sem incapacidade (evsi) (1)	evsi / ex	Esperança de vida (ex) (1)	Prevalência de incapacidade (2)	Esperança de vida sem incapacidade (evsi) (1)	evsi / ex
10-14	62,22	0,00481	57,99	0,9320	69,39	0,00682	64,87	0,9349
15-19	57,35	0,00657	53,13	0,9264	64,47	0,00978	59,98	0,9304
20-24	52,67	0,00815	48,46	0,9201	59,58	0,00666	55,14	0,9255
25-29	48,15	0,01194	43,94	0,9126	54,73	0,01154	50,30	0,9191
30-34	43,68	0,01595	39,48	0,9038	49,88	0,01403	45,50	0,9122
35-39	39,21	0,02484	35,04	0,8936	45,09	0,01680	40,76	0,9040
40-44	34,77	0,03658	30,65	0,8815	40,30	0,02061	36,04	0,8943
45-49	30,36	0,04838	26,36	0,8682	35,59	0,03365	31,40	0,8823
50-54	26,05	0,06180	22,19	0,8518	30,95	0,03924	26,88	0,8685
55-59	21,87	0,07179	18,19	0,8317	26,42	0,05912	22,48	0,8509
60-64	17,96	0,10679	14,45	0,8046	21,98	0,07855	18,25	0,8303
65-69	14,36	0,15238	11,08	0,7716	17,72	0,09373	14,25	0,8042
70-74	11,08	0,17879	8,15	0,7356	13,69	0,13847	10,48	0,7655
75-79	8,21	0,23684	5,55	0,6760	10,08	0,20683	7,20	0,7143
80-84	5,73	0,37325	3,35	0,5846	6,97	0,26399	4,54	0,6514
85 +	3,87	0,49787	1,94	0,5013	4,56	0,46809	2,43	0,5329

(1) em anos

(2) prevalência de, pelo menos, uma incapacidade

(3) inclui os indivíduos confinados à cama, à cadeira ou à casa

Quadro A13: Esperança de vida sem incapacidade física de longa duração para a Visão ⁽³⁾, segundo o sexo e o grupo etário, em Portugal Continental (1995/1996)								
Grupo etário (1)	Homens				Mulheres			
	Esperança de vida (ex) (1)	Prevalência de incapacidade (2)	Esperança de vida sem incapacidade (evsi) (1)	evsi / ex	Esperança de vida (ex) (1)	Prevalência de incapacidade (2)	Esperança de vida sem incapacidade (evsi) (1)	evsi / ex
10-14	62,22	0,00240	60,74	0,9762	69,39	0,00496	66,64	0,9604
15-19	57,35	0,00404	55,87	0,9742	64,47	0,00618	61,74	0,9577
20-24	52,67	0,00163	51,22	0,9725	59,58	0,00363	56,88	0,9547
25-29	48,15	0,00373	46,69	0,9697	54,73	0,00615	52,03	0,9507
30-34	43,68	0,00277	42,22	0,9666	49,88	0,01202	47,21	0,9465
35-39	39,21	0,00588	37,74	0,9625	45,09	0,00637	42,46	0,9417
40-44	34,77	0,00980	33,31	0,9580	40,30	0,01179	37,70	0,9355
45-49	30,36	0,00827	28,92	0,9526	35,59	0,01489	33,03	0,9281
50-54	26,05	0,01579	24,62	0,9451	30,95	0,01962	28,43	0,9186
55-59	21,87	0,02179	20,47	0,9360	26,42	0,02790	23,96	0,9069
60-64	17,96	0,02835	16,60	0,9243	21,98	0,04568	19,60	0,8917
65-69	14,36	0,04354	13,01	0,9060	17,72	0,05433	15,49	0,8742
70-74	11,08	0,06684	9,78	0,8827	13,69	0,07231	11,60	0,8473
75-79	8,21	0,09474	6,96	0,8477	10,08	0,12177	8,11	0,8046
80-84	5,73	0,15768	4,50	0,7853	6,97	0,21203	5,19	0,7446
85 +	3,87	0,32340	2,62	0,6770	4,56	0,31702	3,11	0,6820

(1) em anos

(2) prevalência de, pelo menos, uma incapacidade

(3) inclui os indivíduos confinados à cama, à cadeira ou à casa

Quadro A14: Esperança de vida sem incapacidade física de longa duração para a fala ⁽³⁾, segundo o sexo e o grupo etário, em Portugal Continental (1995/1996)								
Grupo etário (1)	Homens				Mulheres			
	Esperança de vida (ex) (1)	Prevalência de incapacidade (2)	Esperança de vida sem incapacidade (evsi) (1)	evsi / ex	Esperança de vida (ex) (1)	Prevalência de incapacidade (2)	Esperança de vida sem incapacidade (evsi) (1)	evsi / ex
10-14	62,22	0,01442	61,06	0,9814	69,39	0,01426	68,41	0,9859
15-19	57,35	0,01566	56,25	0,9808	64,47	0,01236	63,56	0,9859
20-24	52,67	0,01630	51,65	0,9806	59,58	0,01633	58,73	0,9857
25-29	48,15	0,01716	47,20	0,9803	54,73	0,01615	53,95	0,9857
30-34	43,68	0,02219	42,81	0,9801	49,88	0,00868	49,19	0,9862
35-39	39,21	0,01438	38,43	0,9801	45,09	0,00521	44,43	0,9854
40-44	34,77	0,00914	34,05	0,9793	40,30	0,00471	39,67	0,9844
45-49	30,36	0,00891	29,68	0,9776	35,59	0,00607	34,98	0,9829
50-54	26,05	0,01315	25,39	0,9747	30,95	0,00886	30,36	0,9809
55-59	21,87	0,01410	21,26	0,9721	26,42	0,00725	25,87	0,9792
60-64	17,96	0,01714	17,39	0,9683	21,98	0,01281	21,45	0,9759
65-69	14,36	0,02245	13,82	0,9624	17,72	0,01313	17,24	0,9729
70-74	11,08	0,04106	10,59	0,9558	13,69	0,01978	13,25	0,9679
75-79	8,21	0,04211	7,83	0,9537	10,08	0,03506	9,68	0,9603
80-84	5,73	0,05190	5,44	0,9494	6,97	0,03295	6,67	0,9570
85 +	3,87	0,05085	3,67	0,9483	4,56	0,05732	4,30	0,9430

(1) em anos

(2) prevalência de, pelo menos, uma incapacidade

(3) inclui os indivíduos confinados à cama, à cadeira ou à casa

Anexo 2

Instrumento de Notação utilizado no Inquérito Nacional de Saúde de 1995/1996

Nota: Para consultar o referido questionário, veja-se a publicação “Inquérito Nacional de Saúde, Continente, 1995-1996” do Ministério da Saúde - Departamento de Estudos e Planeamento.